

# Degradação Social e Ambiental: Garimpo e Narcotráfico nos Países Amazônicos

ARGEMIRO PROCÓPIO FILHO

Da família das Eritraxiláceas, antes de ter recebido o nome *erythroxyllum Cataractum*, ser classificada pelos botânicos e estudiosos da flora, os indígenas da região amazônica já conheciam esta planta como ipadú. Este é um nome proveniente da língua dos índios nheengatú. A mesma planta é apelidada de patú no idioma dos tukanos. No Alto Rio Negro os tukanos e nheengatús fazem até hoje suas tradicionais roças e plantios do ipadú. Os civilizados as chamam de plantios de coca.

Terminada a colheita das folhas do mencionado arbusto, estas são deixadas secar para finalmente serem torradas em panela especial denominada "patu axterfto". Após isso, são misturadas com folhas de outra espécie, a embaúba (*Cecropia*). Mofdas juntas se transformam em finíssimo pó, tão apreciado que recebe um recipiente fabricado especificamente para guardá-lo. É o chamado "patú ahuró", ou seja, sacola para o ipadú.

Depois de bem socadas, o ritual da aspiração do pó das folhas exige outros instrumentos. Finos ossos de garças ou canudos de taquara destacam-se dentre os usualmente empregados.

Outros grupos indígenas, os makús por exemplo, fazem pequenas bolas de folhas do ipadú e as chupam vagarosamente. É dito por estes povos que o ipadú revigora, contribui para perder a fome. Ajuda na arte da caça e da pesca aguçando os sentidos. Os seringueiros no passado fizeram uso dele para enfrentar o difícil trabalho na selva. Os caboclos igualmente empregam o ipadú, seja para matar a fome em épocas de escassez alimentar, seja como estimulante para contrabalançar a fadiga e fraqueza. Esta é mais uma prova que a utilização do ipadú, o menos desconhecido entre as centenas e centenas de espécies alucinógenas existentes na

floresta amazônica, não esteve limitado apenas aos indígenas. Quase todos os grupos humanos que vivem do extrativismo vegetal na floresta, há dezenas e dezenas de anos, esporadicamente aproveitam-se das virtudes medicinais da coca e de outras plantas alucinógenas para variados fins.

A ayhauasca por exemplo, feita com a fervura misturada do cipó jagube (*banisteriopsis Caapi*) com a folha chacrona (*psychtria Viridis*) é usada em cerimônias de seitas religiosas espalhadas pelo Brasil. De poder alucinógeno tão ou mais potente que a coca, este chá foi consumido nas primeiras décadas do século, no Estado do Acre. Pelo poder psicodislético que dizem conter é respeitosamente bebido em rituais de seitas religiosas como as do Santo Daime e da União Vegetal. Seus adeptos criticados ou perseguidos por usarem tal alucinógeno nos rituais se defendem provando que outras igrejas fazem o mesmo. Citam a Igreja Católica que usa a droga do álcool sob a forma de vinho na liturgia da consagração de suas missas.<sup>(1)</sup>

A partir dos anos 60, passa a ser quase rotina nas pesquisas de bom número de professores e cientistas a descrição do emprego de ervas como excitantes e entorpecentes entre os indígenas, seja no seu dia a dia, seja nos seus rituais sagrados. Tal curiosidade científica, do século passado aos dias atuais, soube ser acompanhada por imenso número de pesquisas botânicas patrocinadas por universidades, grandes indústrias ou laboratórios químico-farmacológicos, estes últimos tradicionais receptores do contrabando de espécies botânicas. A história da *Hevea Brasiliensis*, conhecida como seringueira, está na memória de todos.

No início dos anos 70, com a contribuição do próprio serviço de inteligência norte-americano foram mapeadas as regiões amazônicas, onde os indígenas comumente utilizam plantas alucinógenas. Hoje a fama dos seus efeitos ultrapassa a fronteira da floresta e dos grupos ditos civilizados que se interessavam por elas. No passado eles eram constituídos principalmente por etnólogos, botânicos, antropólogos e missionários católicos. Notadamente, a estes últimos não se pode roubar o mérito da profunda e rigorosa condenação do uso de tais plantas. Além do enérgico castigo imposto por estes aos tradicionais usuários, drogas alucinógenas foram sempre tratadas pela Igreja como sinal de pecado. São tidas como coisas do diabo, decadência moral dos povos primitivos, degradação da família, coisas de orgia que "vicia os indivíduos e fazem seus filhos nascerem fracos, apatetados e tarados".<sup>(2)</sup>

Do ciclo das drogas do sertão, século XVII, quando se inicia a pilhagem da floresta amazônica aos tempos atuais, a evasão de riquezas continua nos mesmos caminhos mas sob múltiplas e renovadas formas. O difícil de aceitar é a não

---

(1) Exposição do jurista Domingos Bernardo Guimarães na 43a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 16.7.1991.

(2) BRÚSSI, Alves da Silva, Alcionilio. *A Civilização Indígena dos Uaupés*. Roma, Libreria Ateneol Salesiano, 1977, págs. 208/209.

divulgação do fato de que o contrabando - fatalidade ou não do destino - segue com fidelidade os passos dos negócios inescrupulosos de poderosos grupos econômicos que não receiam destruir a natureza a favor do lucro fácil. Cresce à sombra de contrabandos de minerais e produtos agrícolas que fazem a sorte e a fortuna de classes nos Estados Unidos da América, na Europa e entre as elites corruptas latino-americanas a estes acopladas. Para comprovar esta afirmativa vejamos os seguintes exemplos: na Colômbia a cocaína seguiu o caminho do contrabando de esmeraldas. No Paraguai, a máfia que assassina camioneiros e age ligada ao contrabando de soja e do café protege os traficantes e vice-versa. No Brasil, a ampliação da produção e do tráfico na Amazônia Ocidental tem suas ligações com o contrabando de cassiterita que do Estado de Rondônia é levado para a Bolívia via Cáceres no Mato Grosso. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Extrativistas de Rondônia, 320 toneladas de cassiterita produzidas mensalmente são contrabandeadas para os Estados Unidos e Europa via Bolívia.<sup>(3)</sup>

O Brasil é o maior produtor mineral de pedras coradas (pedras preciosas, exceto o diamante). O Departamento Nacional de Produção Mineral estima que as pedras brasileiras são responsáveis por 1/4 do comércio mundial. As suas transações são feitas, em quase totalidade, de forma clandestina. A rota é precisamente a mesma da cocaína, ou seja, São Paulo, Rio de Janeiro, Miami, Paris, Frankfurt e Amsterdam, entre outras.

Apesar do Brasil ser oficialmente o sexto maior produtor mundial de ouro - sua produção em 1988 foi estimada em 112 toneladas -, o Uruguai ficou como o maior exportador na América Latina, mesmo não tendo em seu território sequer uma única mina. Montevideú é tida atualmente como grande centro de lavagem de dinheiro ilícito de traficantes. O estuário do Prata, caminho para o contrabando da prata das minas de Potosi, na atualidade é vital para a saída da cocaína produzida no Peru, pela mesma rota dos tempos coloniais.

Falaremos um pouco a seguir da chamada "Rota Amazônica", importante como ponto de convergência do contrabando de múltiplos produtos vegetais e minerais. Por aí é que passam tanto o ouro, madeiras nobres, essências raras, todas contrabandeadas ao lado da pasta ou droga refinada. Alcançam os consumidores através de rotas que se alteram; sucessivamente são ativadas e desativadas, chegando ao mercado consumidor pelas portas da Califórnia, Flórida, Espanha e Itália, entre outros. É igualmente por elas que confortavelmente entra o mercúrio proveniente do México e da Alemanha utilizado nos garimpos. Isso além de toneladas e toneladas do éter e da acetona empregadas no refino da coca que camuflados chegam aos portos marítimos colombianos, equatorianos e peruanos, espalhando-se depois pela ampla malha fluvial do lado brasileiro.

---

(3) GUEDES, Yodon. "Rondônia faliu, origem governo e empresários". In: *Folha de São Paulo*, 6.8.91.

A mineração do ouro, apenas na Amazônia brasileira, chegou a ocupar cerca de um milhão de homens. Noutras palavras, número maior de emprego que todas as multinacionais somadas operando em todas as regiões do país. Igualmente a cocaína ocupa e remunera sensivelmente melhor a mão-de-obra utilizada em sua produção e distribuição, não importa em que fase. Verifica-se então o quanto a miséria social latino-americana amparada por negócios ilegais com os países do norte contribui para com a degradação ecológica.

A mão-de-obra liberada pela crise econômica atende espetacularmente o recrutamento exigido pela expansão da coca na Amazônia. Af a falta de tecnologia moderna, os métodos rudimentares e pouco eficientes empregados nos garimpos contribuem para o desperdício e rápido esgotamento das reservas. Presume-se que o melhor da mão-de-obra liberada dos garimpos em decadência esteja sendo usada em alguma das etapas do caminho das drogas. As drogas espalhadas pelo Rio Madeira, principalmente as concentradas nas proximidades da Cachoeira do Theotônio situada a poucos quilômetros de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, chegaram a produzir nos anos 80 entre dois e três quilos de ouro por dia. Hoje só com esforço e sorte conseguem extrair um quilo por mês. Daí a falência generalizada do garimpo fluvial nesta região onde funcionam ainda aproximadamente 1000 dragas, ou seja, 1/6 do número oficialmente registrado. Apesar de tudo, o movimento continua no Rio Madeira com visível quantidade de dragas operando unicamente como fachada para a lavagem de dólares obtidos pelos narcotraficantes. É graças às migalhas e pequenas sobras de cocaína despejadas em Rondônia que vive parte da sua população expulsa dos garimpos e das zonas rurais. Da mesma forma os desempregados das predatórias indústrias madeireiras agora controladas pelo IBAMA. As mesmas que quando fiscalizadas não conseguem sobreviver levando seus trabalhadores ao atrativo comércio das drogas.

Expressamente proibido por lei, dados seus efeitos altamente poluentes e pela degradação ambiental que causa - além de fazer enorme número de vítimas fatais -, o mercúrio, como se escreveu logo acima, entra contrabandeado na Amazônia com provável apoio dos traficantes de cocaína. Sua distribuição parece obedecer à estrutura que mantém a entrega regular do éter e da acetona.

É importante salientar que o Brasil fabrica éter e a acetona em indústrias químicas multinacionais instaladas no Sudeste. O fato desta produção estar sendo rigorosamente fiscalizada, controlada pelos agentes da poderosa Drug Enforcement Agency dificulta, impede no momento que o éter e a acetona utilizem os caminhos da "Rota Caipira". Esta é a rota que liga o triângulo das cidades desenvolvidas do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte à famosa Tabatinga, nas proximidades do Brasil com a Colômbia. A posição estratégica de Tabatinga aproximando e integrando a Colômbia, Peru e Brasil inicialmente era uma excelente base para o narcotráfico. Tal fato terminou por concentrar ali um gigantesco ponto de vigilância policial e repressão. Conhecida por todos, felizes

ficam os grandes traficantes em ver Tabatinga transformada em "boi de piranha". Há tempos que ela está nas mãos dos "pombos", os pequenos traficantes.

Os barões da droga sabem com destreza manipular velhas e novas rotas numa quase reedição histórica das entradas e bandeiras. Entre as novas destacam-se as pistas e campos de pouso clandestinas ou ainda em uso por garimpeiros, espalhadas pela Amazônia. As situadas nas reservas indígenas são administradas pelos próprios índios que sabem cobrar dinheiro por seu uso e boa manutenção. Tudo isto dentro de códigos primitivos que a informática e os computadores das agências de repressão levarão décadas para decifrar. Além dos hidroaviões que dispensam campos de pouso, a infraestrutura de latifúndios, não só na Amazônia, mas inclusive no Sul, Sudoeste e Centro-Oeste do Brasil e em países como o Paraguai, Argentina e Uruguai, com frequência é utilizada pelos narcotraficantes. Aos seus empregados mal remunerados pouco importa que as pistas feitas para os pequenos aviões dos fazendeiros sejam tranqüilamente usadas em trocas de gorjetas ou presentes. Geralmente são quinilharias vistosas como roupas, whisky ou eletrodomésticos vendidos nas zonas francas. *Mutatis mutandis*, as mesmas bugigangas que os portugueses apresentavam os indígenas quando precisavam de seus favores. Acostumados aos baixos salários, fala-se que por serem os peões brasileiros barateiros e menos exigentes que os vizinhos eles se transformam num incentivo a mais para o deslocamento do narcotráfico em direção às nossas fronteiras.

Em casos de fadiga, necessidade de combustível ou forçados por condições meteorológicas, os pilotos pernoitam e lá tomam refeições; às vezes ficam estabelecidos laços de amizade com famílias locais, terminando inclusive em "casos de amor", casamentos e boa sociabilidade! Para complicar o quadro, a crise econômica que abate sobre o país, em parte em decorrência das pressões internacionais para o pagamento dos pesados juros da dívida externa, não permite a modernização de sua força aérea, nem formação e contratação de pessoal especializado em ações contra o tráfico. Centenas de aviões da FAB deixam de voar por falta de peças de reposição ou simplesmente por causa da quota extremamente baixa de combustível à disposição. O sistema de radares para guardar o espaço aéreo brasileiro amazônico tampouco existe. Como no passado está a Amazônia desprotegida, à mercê do contrabando e da evasão de riquezas. Mas mesmo que tal pirataria aérea fosse por completo desmantelada, ela seria substituída de imediato pelos barcos de transporte e passageiros que cortam as águas dos rios amazônicos. Estes com maior facilidade e segurança conseguem transportar a droga. Dado seu elevado número, dada a fantástica e complexa rede fluvial criada pela natureza na Amazônia, e também o sucateamento das forças navais fluviais, apenas se forem azarentos e extremamente distraídos os traficantes poderão ser abordados através de ações militares ou de batidas policiais à moda clássica, do tipo das empreendidas pelo exército norte-americano na Bolívia, bem ao estilo das que foram mostradas no cinema e na TV. daquelas que causam orgulho e rendem votos nos Estados Unidos

da América. Tudo isso ajuda a evidenciar a relatividade e fragilidade dos conceitos de soberania concernentes ao Terceiro Mundo. Lembrem o estado da natureza, a lei da selva, reinantes nas relações internacionais tão bem descritos por Hobbes e sua réplica no universo do narcotráfico e dos problemas ecológicos.

Outros pontos técnicos a favor da produção de cocaína na Amazônia brasileira é que aí o ipadú, apesar das desvantagens de possuir um baixo teor de cocaína, isto é, de 0,45% contra 0,85% da boliviana e 0,60% da colombiana, fala-se que é extremamente resistente a pragas. O arbusto do ipadú nas plantações do lado brasileiro produz um volume consideravelmente maior de folhas. Permite aos seus produtores quatro colheitas anuais, enquanto que as plantações dos vizinhos, mesmo as peruanas, não dão mais que duas safras de folhas. Isto em parte se deve aos melhoramentos genéticos processados durante séculos pelas tribos indígenas do Alto Rio Negro, que inclusive transformaram o ipadú em espécie forte e resistente. Ainda hoje com muita eficiência fazem excelentes mudas com transplante de galhos. Cuidadas através do manejo tradicional, crescem vigorosas e sadias, talvez com força suficientes para a prometida futura guerra biológica das perigosas "pragas naturais" que os norte-americanos estudam para destruir por "métodos naturais" a coca na América Latina. É bem possível que esta tentativa seja a repetição de erros e desacertos nos combates e campanhas de erradicação da droga. Um exemplo recente de trabalho pouco eficiente foram as queimadas. As bombas incendiárias lançadas por aviões para destruir os pés de coca - obviamente sem consideração alguma com o meio ambiente - ao destruir as matas vizinhas dos plantios, sempre cercados de florestas, gratuitamente ampliaram as áreas de cultivo. Foi a felicidade dos plantadores, porque a fase do corte das grandes árvores, do desmatamento propriamente dito com o preparo do solo é a etapa mais cara dos plantios clandestinos. Comenta-se igualmente que incêndios provocados por bombas deixam farta quantidade de cinzas, que estas quando misturadas à terra se transformam em composto natural altamente nutritivo, especialmente benéfico para novas plantações de ipadú!

Sob o ponto de vista moral, ainda que plenamente justificadas a repressão e a destruição da malha que sustenta a produção dos tóxicos, sabe-se da constatada inoperância do seu caráter repressivo e policial. Parecem satisfazer uma opinião pública extremamente manipulável e mal-informada omitindo sistematicamente o porquê da produção da coca na América Latina, o porquê de seu consumo cada vez mais abrangente.

A degradação ambiental e a evasão de riquezas da Amazônia do passado colonial aos nossos dias se existe é porque foi amparada econômica e politicamente por grupos de dentro e de fora do país. Isso é repetido hoje na cena do narcotráfico. Todavia, se o entrelaço e conexões da droga não são denunciados é porque é este o lado da moeda que não interessa ser mostrado. As forças que amparam o narcotráfico estão sendo de tamanho perigo a ponto de serem mais nocivas para a sociedade em geral que a própria cocaína. A intimidade do narcotráfico com o

sistema financeiro internacional, seu poder de pressão na América Latina, seus acertos de conta terminam sempre em compromissos sujos. Mas apenas as cenas de violência policial chegam ao conhecimento público. São os massacres, assassinatos que se proliferam ao ponto de serem banalizados ou transformados em pratos banais do cotidiano. Nas cercanias do Rio de Janeiro, na chamada Baixada Fluminense, dados policiais contabilizaram 88 massacres em 1990, com 674 vítimas. A quantidade de jovens desempregados dos centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e outras cidades à procura do El Dourado da cocaína não cessa de crescer. Segundo pesquisa realizada em 1987 pela Escola Paulista de Medicina, nesse ano 21% dos estudantes brasileiros tinham usado droga. Dois anos depois, em 1989, a porcentagem cresceu para 26%.

A caótica normatização elaborada pelo Poder Legislativo no que tange a processos estabelecidos contra os traficantes, associada ao fraco desempenho do Poder Judiciário, que paga altíssimos salários a seus juízes, via de regra contemplados com privilégios desconhecidos pela magistratura de países desenvolvidos, não barrou a corrupção ali reinante. Tampouco tem elucidado, diminuído ou imprimido eficiente vigor no combate aos crimes relacionados ao narcotráfico.

Inicialmente um simples roteiro ou ponto secundário no roteiro da droga, depois base para o refino da pasta e finalmente excelente espaço para as plantações em escala comercial do ipadú, a Amazônia brasileira de pouco entrou no negócio. Hoje ela é referência tão importante quanto Colômbia, Bolívia ou Peru no cenário das drogas. A novidade é que a cocaína produzida na Amazônia brasileira, porção crescente dela vem sendo consumida no país mesmo. Estudos sobre o perfil do viciado demonstram que há anos ela deixou de ser um hábito dos filhos da elite. Agora atinge camadas das classes médias e camadas da população de baixa renda, usuárias em geral da pasta base de coca, que é menos cara. O modismo, o mimetismo cultural que tem por máxima as premissas de que tudo do Primeiro Mundo é o melhor e deve ser imitado, os hábitos difundidos pelo turismo, cinema, TV, revistas, enfim, a abrangente propaganda simulada, tudo contribui para a disseminação do uso dos entorpecentes.

Tal fato leva à tese da deterioração do poder de controle por parte do Estado que por omissão termina enfraquecido frente a grandes grupos econômicos e de políticos indiretamente sustentados ou envolvidos com o narcotráfico.

Esta situação leva a outra discussão ainda tabu no Brasil: a da liberação, descriminalização do uso de drogas chamadas ilícitas. Seus defensores contam com forte argumento da descriminalização ser talvez o melhor e mais limpo caminho para um eficiente controle penal da comercialização ou tributação da sua produção e comércio.

Na Amazônia brasileira não obstante a forte tendência de queda das taxas de natalidade no país, por causa do processo migratório, sua população passou de

cinco para 17 milhões em apenas 20 anos, ou seja, de 1969 a 1989. O papel das áreas urbanas amazônicas brasileiras como entreposto internacional de cocaína, ao contrário do novo peso da região no processo de produção da droga, sofre visível e considerável redução. É a prova de que a cocaína proveniente dos outros países amazônicos, depois que o Brasil tornou-se produtor, não passa pelo país nas quantidades do passado. Entrepostos importantes de 1987 para cá são a Argentina, Paraguai e Uruguai. Tal realidade evidencia espetacular articulação do narcotráfico. Em termos de integração latino-americana, para o bem ou para o mal, em pouco tempo uniu, montou estratégias que em décadas de existência a ALALC, depois chamada de ALADI, jamais conseguiu estabelecer. Sem entrar no mérito moral das coisas, move e "integra" regiões das Américas.

A título de conclusão fica ressaltada a tese de que o narcotráfico na América Latina faz uso das antigas e tradicionais estruturas de corrupção. Seus caminhos, alguns estão montados desde o período colonial e continuamente são usados na evasão de riquezas e fuga de capitais. A averiguação desta argumentação pode ser comprovada em se analisando as rotas do narcotráfico, seus processos de comercialização, conexões, suas bases sociais e políticas. Do passado ao presente elas são substancialmente as mesmas. Resistem ao tempo e perdurarão até que termine a evasão das riquezas deste subcontinente para os países centrais. Nesta perspectiva, em prol da expansão do narcotráfico e da degradação ambiental na Amazônia brasileira existe a crise fomentada pelo pagamento dos altos juros da dívida externa e a injusta divisão internacional do trabalho. Vale dizer, os baixos salários e simbólicos preços pagos aos produtos agrícolas e aos minerais daquela região. É isso que leva os trabalhadores à miséria, contribuindo para o sucesso dos negócios das drogas. Reverter esta situação certamente abalará os pilares do sistema econômico em que a expansão do narcotráfico está assentada. Como se deduz então, as causas da prosperidade das drogas alucinógenas, além de profundas, têm ramificações complexas. Desmerecem a propalada e simplista afirmativa de que só haverá drogas enquanto existirem viciados, demanda, produtores e consumidores.

Por último lembramos que a inteligência controladora da cocaína na Amazônia nasceu transnacional, com todas as virtudes e pecados do processo histórico de acumulação do mundo ocidental cristão. Os bilhões de dólares aí movimentados, por si mesmos já dizem tudo. Expõem com crueldade a fragilidade escondida das sociedades do Primeiro Mundo. Fazem aproximar as contradições do relacionamento entre o centro e a periferia mundial. No caso específico da degradação ambiental e do narcotráfico nos países amazônicos a verdade histórica com seus exemplos faz lembrar fatos que não podem passar despercebidos.